

Paisagem Ancestral:
Um catálogo de paisagem de terreiro de Candomblé.

SESSÃO TEMÁTICA: DIMENSÃO HUMANA DO PROJETO, DO PLANEJAMENTO E DA
GESTÃO DA PAISAGEM.

Bruna dos Santos Azevedo
Universidade Federal da Bahia
E-mail: brunita.azevedo@gmail.com

Camila Gomes Sant'Anna
Universidade de Brasília
E-mail: camila.santanna@unb.br

RESUMO

Esse artigo é fruto de uma pesquisa que integrou um contexto mais amplo, vinculado ao “Projeto da paisagem: estratégias para ampliação e manutenção da biodiversidade urbana” e está voltada para o estudo da paisagem dos terreiros em Salvador. O projeto estuda os elementos que compõem a paisagem ancestral de Mata Atlântica do terreiro de candomblé keto Ilê Axé Ewá Omin Niré situado no bairro de Cassange, em Salvador. Para tanto, partimos de revisões bibliográficas e leituras para compreender a relação existente entre candomblé, natureza e paisagem. Logo após fizemos uma investigação sobre a conformação do bairro do Cassange e os zoneamentos e leis que incidem sobre ele. Através do trabalho de campo realizamos levantamentos das dinâmicas existentes entre a comunidade do Ilê e a paisagem. Como resultado obtivemos cartografias que buscam explicitar os valores que a paisagem tem para a comunidade que nela vive e que poderão servir como ferramenta de gestão dessa paisagem no futuro. O debate do artigo se insere nas abordagens desenvolvidas no contexto das pesquisas e ações extensionistas sobre Arquitetura da Paisagem do Curso de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia.

PALAVRAS-CHAVE: catálogo de paisagem; candomblé; terreiro.

ABSTRACT

This paper is the result of research carried out within a broader context, linked to the project “Landscape Design: Strategies for the Expansion and Maintenance of Urban Biodiversity,” and focuses on the study of the landscape of terreiros in Salvador. The project examines the elements that make up the ancestral Atlantic Forest landscape of the Ketu Candomblé terreiro Ilê Axé Ewá Omin Niré, located in the Cassange neighborhood of Salvador. To this end, we began with literature reviews and readings to understand the relationship between Candomblé, nature, and landscape. We then conducted an investigation into the formation of the Cassange neighborhood, as well as the zoning regulations and laws that affect it. Through fieldwork, we surveyed the dynamics between the Ilê community and the landscape. As a result, we produced cartographies that seek to highlight the values the landscape holds for the community that inhabits it, which may serve as a tool for managing this landscape in the future. The article’s discussion is situated within the approaches developed in the context of research and extension activities on Landscape Architecture in the Architecture program at the Federal University of Bahia.



KEYWORDS: landscape inventory; candomblé; terreiro.

1 INTRODUÇÃO

A cidade de Salvador, capital da Bahia, reúne aproximadamente 2.418.000 habitantes e é reconhecida como o maior centro populacional negro fora do continente africano. Esse fato se explica, entre outras razões, por ter sido a capital do Brasil durante boa parte do período colonial, o que fez de seu porto um dos principais pontos de entrada tanto de mercadorias quanto de pessoas escravizadas.

Com o avanço dos séculos e, posteriormente, com a abolição da escravidão, diversos quilombos foram formados por pessoas libertas e negros que já eram livres, principalmente nas áreas mais afastadas do centro histórico da cidade. Assim, a origem quilombola de muitos bairros soteropolitanos é comum e permanece viva no imaginário coletivo. Entre moradores mais antigos das periferias, é recorrente ouvir relatos como: “Aqui era uma fazenda que depois se transformou em um quilombo”.

Atualmente, Salvador enfrenta um intenso processo de expansão urbana e adensamento construtivo em suas zonas periféricas. Essas regiões ainda preservam áreas ambientalmente valiosas, que hoje se veem ameaçadas pela forte pressão do mercado imobiliário. A transformação acelerada dessas paisagens, que carregam não apenas atributos físicos, como solo e relevo, mas também parte significativa da memória e da trajetória da cidade, deveria ser motivo de atenção e preocupação.

Diante desse contexto, desenvolve-se a proposta desta pesquisa de iniciação científica, financiada pelo CNPq, que dá suporte ao presente artigo e tem como objetivo a elaboração de um catálogo da paisagem do terreiro de candomblé Ilê Axé Ewá Omin Niré, localizado no bairro periférico de Cassange, cuja formação é de matriz quilombola.

A investigação surgiu da necessidade de evidenciar a relevância dessa paisagem, entendida não apenas sob o viés ambiental, relacionado à preservação de matas ciliares, florestas e nascentes pertencentes ao Bioma Mata Atlântica, mas, sobretudo, a partir da compreensão que obtivemos a partir de autores como Denis Cosgrove (1998) de que a “paisagem é uma forma de ver”. Para ele, a paisagem carrega as marcas históricas e ideológicas de quem a produziu, o que abre caminho para pensar a paisagem ancestral dos terreiros de candomblé como registro de poder, memória e pertencimento.

Assim, ao propor uma reflexão sobre um catálogo de paisagem **em escala local e em diálogo com a realidade brasileira**, esta pesquisa busca registrar tanto os aspectos tangíveis quanto intangíveis presentes em um terreiro de candomblé da nação keto. Esses espaços são fundamentais para a manutenção e expressão da religiosidade, da cultura baiana e da cultura afro-brasileira como um todo. Historicamente, os terreiros atuam como guardiões das tradições dos povos afrodescendentes, preservando práticas religiosas, línguas, culinária, vestimentas e formas de saber transmitidas intergeracionalmente. Além disso, quando inseridos em áreas de mata, desempenham



papel direto na proteção do meio ambiente, uma vez que a relação entre o candomblé e a natureza é indissociável.

“Com o reconhecimento da distinção entre a territorialidade religiosa e a não religiosa, torna-se possível pensar numa ciência que se ocupa das relações entre território e religião. Essa reflexão é de suma importância para a possibilidade de entendimento do território a partir do modo pelo qual a religião dele se apropria, moldando-o de acordo com suas práticas religiosas. Práticas vivas e atuais, por intermédio das quais se afirmam e vivem as identidades e os pertencimentos religiosos” (Rosendahl, 2018 p. 337)

A paisagem, nesse sentido, constitui um elemento essencial para a construção do modo de existência de grupos humanos, especialmente daqueles cuja espiritualidade está profundamente vinculada ao ambiente natural, como ocorre entre os praticantes do candomblé. Este estudo não se propõe a narrar ou analisar a história ou a teologia do Candomblé, mas a **compreender o valor atribuído à paisagem e as dinâmicas da paisagem** que se desenvolvem no terreiro, incluindo sua vegetação, cursos d’água, caminhos e demais componentes. Desse modo, procura-se examinar os elementos paisagísticos que emergem da interação entre natureza, cultura e arquitetura.

2 A ORIGEM DOS CATÁLOGOS DE PAISAGEM

Os catálogos de paisagem surgiram, inicialmente, como um instrumento de gestão e ordenamento territorial desenvolvido em resposta às diretrizes estabelecidas pela Convenção Europeia da Paisagem¹ no ano 2000. Esses catálogos têm como principal finalidade identificar e mapear os elementos, valores e dinâmicas das paisagens, e assim “implantar uma nova cultura de organização territorial baseada em uma gestão prudente e de um olhar novo e imaginativo do solo não urbanizável e da paisagem em seu conjunto” (Nogueira, Sala, Grau, 2018, p. 12, tradução nossa). Assim, o catálogo de paisagem torna-se um mecanismo para registrar, evidenciar e valorizar as potencialidades paisagísticas, contribuindo para sua preservação ao reafirmar memórias e culturas associadas aos territórios.

A incorporação dessa ferramenta, de origem europeia, ao contexto latino-americano teve início em 2010, durante o 47º Congresso Internacional de Arquitetura da Paisagem da Federação Internacional de Arquitetos Paisagistas (IFLA). Nesse evento, enfatizou-se a urgência de que cada país elaborasse sua própria carta de paisagem, com o intuito de defender o direito à paisagem como um bem coletivo. A partir desse movimento, diversos países passaram a produzir suas cartas e, em 2018, na Cidade do México, avançou-se

¹ A Convenção Europeia da Paisagem ou Convenção de Florença, assinada em outubro de 2000, foi o primeiro tratado internacional com foco na Paisagem, dedicando-se à proteção, gestão e ordenamento das paisagens europeias.



ainda mais com a criação da Carta da Paisagem das Américas, um documento transnacional cujo objetivo é:

“promover a conscientização sobre a recuperação e valorização da paisagem, bem como elaborar instrumentos que favoreçam o desenvolvimento de um arcabouço legal, baseado na realidade presente, considerando o passado para se construir o futuro.” (IFLA Américas, 2018, p. 3)

Nesse texto, são apresentadas diretrizes que devem orientar tanto a prática dos arquitetos paisagistas quanto a atuação da gestão pública no que diz respeito ao planejamento da paisagem. Entre as prioridades destacadas está a produção de “inventários e catálogos da paisagem, reconhecidos como instrumentos fundamentais de planejamento, preservação e gestão.” (IFLA Américas, 2018, p. 3)

Outro ponto relevante, ainda a partir da Carta da Paisagem das Américas, é o reconhecimento:

“da fragilidade das paisagens como elementos da cultura e patrimônio não-renovável, não só de exemplares notáveis da arquitetura, assim também como da arquitetura e paisagem vernaculares, que testemunham formas de vida comunitária e a diversidade das culturas americanas;” (Carta da Paisagem, Ano, p. 6)

Desse modo, não somente as paisagens oficialmente consagradas de Salvador devem ser documentadas, mas também aquelas do cotidiano, que desempenham papel fundamental na constituição da identidade do “ser baiano e soteropolitano”, como é popularmente dito. É igualmente importante ressaltar a concepção de paisagem adotada, considerando que o termo possui múltiplos significados e é amplamente utilizado em diferentes áreas do saber, sendo frequentemente associado aos aspectos estéticos e visuais da natureza. Seguindo as ideias da geografia humanística de Yu-Fu Tuan (1983) onde o lugar se constitui por meio da experiência e da percepção sensorial das pessoas, articulando sentimento e pensamento, em um processo de envolvimento do corpo integrado à cultura, à história, às relações sociais e à paisagem.

Assim, paisagem não se limita às características físicas dotadas de valor estético; ela engloba também aquilo que é percebido, sentido, ouvido, imaginado, planejado ou espontâneo. Trata-se de uma relação entre o tangível e o intangível, entre o material e o imaterial, expressa na interação entre as pessoas e o ambiente ao seu redor.

Nesta pesquisa, inspiramo-nos na metodologia utilizada na elaboração dos catálogos de paisagem da Catalunha. Contudo, devido às limitações de tempo e às especificidades do estudo de caso, optamos por adaptar a metodologia original para adequá-la ao desenvolvimento deste trabalho.

3 ADAPTANDO O MÉTODO: O DESAFIO DA PAISAGEM DE TERREIRO

O ponto inicial de nossa investigação foi o resgate da história do terreiro. Para isso, iniciamos compreendendo as especificidades do bairro onde ele se localiza. Nessa etapa preliminar, reunimos dados populacionais, identificamos as leis de zoneamento e uso do



solo aplicáveis à área e buscamos reconstruir o processo histórico e fundiário do bairro de Cassange.

Essa fase apresentou alguns desafios, sobretudo devido à escassez de estudos acadêmicos que sistematizem a história dessa região de Salvador. Ainda assim, a partir das informações obtidas, foi possível delinear algumas dinâmicas que influenciam o território. Embora este artigo não se aprofunde nessa etapa, julgamos necessário registrar sua existência, dada sua relevância para o desenvolvimento da pesquisa.

Posteriormente, passamos a investigar a trajetória do Ilê Axé Ewá Omin Nirê. Compreender a formação do Ilê foi essencial para interpretar o palimpsesto da paisagem do terreiro e reconhecer as diversas relações estabelecidas entre a comunidade e o espaço. Utilizamos como principais fontes a oralidade, por meio de entrevistas e conversas com integrantes da comunidade, e documentos cartoriais, incluindo registros de compra e venda.

Durante essa fase, identificamos que o terreno atualmente ocupado pelo Ilê foi adquirido em dois momentos distintos e verificamos uma separação clara entre o uso da área original e o da área adquirida posteriormente. A área inicial concentra os espaços de permanência, onde se realizam tanto as atividades religiosas quanto as práticas cotidianas, como preparo de alimentos, descanso e lazer. Já a área incorporada posteriormente destina-se a funções sociais e educativas, acolhendo a horta, o pomar e a trilha na mata.

Com base na observação dessas dinâmicas de uso e considerando também as características físicas do terreno, como topografia, vegetação e edificações, dividimos o território do Ilê em três unidades de paisagem, adotando a metodologia adaptada dos catálogos de paisagem da Catalunha.

3.1 As unidades de paisagem

Segundo a metodologia dos catálogos de paisagem utilizada neste estudo, o primeiro procedimento consiste em identificar as unidades de paisagem presentes no território. Essas unidades são porções do espaço com características próprias, cuja definição constitui “o primeiro passo para analisar e descrever suas características internas, analisar seu estado atual e descrever as dinâmicas que a levaram a adquirir a aparência atual” (Nogué, Sala, Grau, 2018, p. 48, tradução nossa).

Essas porções não devem ser definidas exclusivamente a partir de atributos físicos, como relevo ou cobertura vegetal, mas também pelas relações específicas que se estabeleceram entre as comunidades e o território. Assim, uma unidade de paisagem corresponde a um recorte que busca evidenciar as interações tangíveis e intangíveis entre elementos naturais, clima, vegetação, aspectos sociais, culturais e econômicos, além das edificações e demais estruturas construídas.

Os critérios adotados para delimitar essas unidades de paisagem foram:

Tabela 1 – Critérios para unidades de paisagem

Critérios para as unidades	Descrição
Fatores físicos	Características físicas que a porção do território assume
Usos do solo	O uso que as pessoas fazem daquela porção do território
Dimensão histórica	No que aquela porção do território contribui para contar a história do lugar
Visibilidade	Pontos de observação ou mirantes que sejam importantes no local
Dinâmicas	Dinâmicas que ocorram e ajudem a caracterizar o local
Percepção e sentido de lugar	Emoções provocadas pela paisagem que inspiram sentimentos e geram conexão das pessoas com o local

Fonte: autoria própria.

Por se tratar de uma abordagem transdisciplinar que considera tanto a percepção humana da paisagem quanto as dinâmicas que nela se desenvolvem, buscamos, nesta análise, incorporar os conhecimentos ancestrais e as práticas cotidianas que estruturam a vida no Ilê.

Após um intenso trabalho de campo e um período significativo de convivência com a comunidade, definimos as seguintes unidades de paisagem presentes no Ilê Axé Ewá Omin Niré:

● **Unidade Mata:** Nas casas tradicionais de candomblé da nação Ketu, há um espaço sagrado situado na mata, onde são cultivadas as ervas utilizadas nos rituais e onde se realizam oferendas e obrigações. Seguindo essa tradição, o Ilê Axé Ewá Omin Niré mantém uma área de Mata que ocupa toda a parte posterior do terreno, marcada por relevo acidentado e pela presença de corpos d'água.

● **Unidade Sítio:** Corresponde à área adquirida posteriormente, atualmente bastante limpa e desprovida, em grande parte, da vegetação original. Nesse espaço encontram-se o pomar, as árvores frutíferas e a horta.

● **Unidade Terreiro:** Trata-se da área inicial do terreno, onde se localizam a maior parte das edificações, as casas de santo e os assentamentos dos Orixás. É o núcleo sagrado do Ilê e o local destinado às práticas religiosas.

Figura 01 - Mapa das unidades de paisagem do Ilê Axé Ewá Omin Nirê



Fonte: autoria própria.

Com o propósito de examinar as unidades definidas anteriormente, buscamos interpretá-las a partir dos seus atributos e das dinâmicas que as constituem. Cada unidade de paisagem reúne um conjunto de particularidades que lhe conferem identidade própria e a distinguem das demais. Quando consideradas em conjunto, essas características resultam nos valores da paisagem.

3.2 Valores da paisagem

A identificação dos valores associados à paisagem constitui a etapa central na elaboração de um catálogo de paisagem. É nesse momento que se materializa o esforço de compreender e descrever o território considerando as formas pelas quais a comunidade se relaciona com ele, bem como de expressar a relevância que essa paisagem assume em sua vida cotidiana.

“...captar aqueles valores que dependem da **percepção sensorial ou emotiva**, impossíveis de se identificar somente pela análise da cartografia.... todavia, a percepção da paisagem é tão diversa e depende de tantos fatores que é difícil fazermos uma interpretação da paisagem em termos estritamente quantitativos...Assim, as técnicas que utilizamos permitem sobretudo **perceber características subjetivas (opiniões, sentimentos e crenças), muito relevantes na análise da paisagem e que são obtidas diretamente das pessoas implicadas...**” (Nogué, Sala, Grau, 2018, p. 62, tradução nossa, negrito nosso).

Dessa forma, o valor da paisagem corresponde à denominação das qualidades que a população atribui ao lugar. Tais valores podem derivar de sua beleza estética, de sua funcionalidade cotidiana, dos usos que possibilita, de seus significados simbólicos e afetivos, de sua configuração geográfica, de sua trajetória histórica, entre outros aspectos.

A definição desses valores é, portanto, o núcleo de um catálogo de paisagem, pois é a partir deles que se concretiza a proposta de realizar uma análise qualitativa do território. Assim, o catálogo passa a atuar como um instrumento de apoio para a gestão futura da paisagem, orientando processos de decisão voltados à sua preservação e ao planejamento de seu desenvolvimento.

Com base no trabalho de campo realizado junto à comunidade do Ilê Axé Ewá Omin Nirê, observando suas práticas e vivências cotidianas, identificamos os seguintes valores presentes nas unidades de paisagem:

Tabela 2 – Valores da paisagem

Valor	Descrição
Natural	Que atribui qualidades naturais e ecológicas
Estético	Capacidade de emocionar e transmitir beleza
Elemento configurativo	Algum elemento único que se destaque e seja determinante da paisagem
Uso social	Elemento que se relaciona com a comunidade e seja visto como um bem social
Produtivo	Capacidade de proporcionar benefícios econômicos
Simbólico	Forte carga simbólica que gera relação de pertencimento

Fonte: autoria própria.

Nem todas as unidades de paisagem reúnem todos os valores mencionados; na realidade, cada uma delas apresenta apenas parte desses atributos, conforme suas próprias particularidades. A aplicação desses valores às unidades será detalhada no tópico seguinte.

3.3 Dinâmicas da Paisagem

A paisagem é um fenômeno em permanente transformação. Por isso, tanto o território quanto a forma como a comunidade o percebe passa por mudanças contínuas. Compreender os processos que influenciaram e ainda influenciam essa paisagem é essencial para formular estratégias adequadas de manejo, tanto no presente quanto no futuro.

Para identificar as dinâmicas que moldam a paisagem ao longo do tempo, consideramos os seguintes aspectos:

Tabela 3 – Dinâmicas da paisagem

Critérios para as dinâmicas	Descrição
Origem	qual necessidade que gerou a dinâmica
Escala	qual porção do território ela atinge, se são gerais, atingem todo o território, ou se são locais
Frequência e duração	o quanto se repetem e quanto duram
Velocidade	se são rápidas ou mais lentas
Intensidade	se são muito ou pouco perceptíveis

Fonte: autoria própria.

Identificamos essas dinâmicas por meio do trabalho de campo, observando o funcionamento diário do terreiro e dialogando com as pessoas que participam de suas atividades, sobretudo considerando que o número gigantesco de dinâmicas que ocorrem no território em diferentes escalas. Portanto, nosso trabalho se limitou a eleger algumas dessas dinâmicas e estudá-las.

4 O CATÁLOGO DO TERREIRO ILÊ AXÉ EWÁ OMIN NIRÊ

Para apresentar os resultados produzidos pelo catálogo, expomos a seguir uma seleção resumida das imagens e representações cartográficas elaboradas para uma das unidades de paisagem do terreiro.

4.1 Unidade Sítio

Localizado na porção frontal do terreno, o sítio integra a área do território que foi incorporada em um momento posterior. Grande parte dessa superfície é “roçada”, isto é, já não preserva a vegetação original, sendo composta predominantemente por gramíneas, árvores (algumas plantadas, outras de crescimento espontâneo), espécies frutíferas que estruturam o pomar, além de um viveiro de mudas e uma horta. Sua topografia é relativamente plana quando comparada à área de mata adjacente, situada na parte posterior do terreno.

Figura 02 – Foto aérea da unidade sítio



Fonte: autoria própria.

Figura 03 - Mapa da unidade sítio

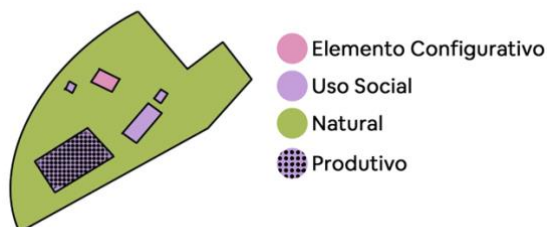


Fonte: autoria própria.

4.2 Valores da unidade Sítio

Podemos observar então que essa unidade de paisagem possui quatro valores. Para cada valor elaboramos um quadro demonstrativo:

Figura 04 - Mapa de valores da unidade sítio



Fonte: autoria própria.

- **Natural** - Criado por se tratar de uma área verde e arborizada, que inspira um sentimento bucólico

Figura 03 – Valor Natural da unidade sítio



Fonte: autoria própria.

- **Elemento configurativo** - A casa amarela impõe presença marcante no terreno. A casa é uma edificação pré-existente no terreno e um dos acessos do sítio conduz diretamente a ela, criando assim a sensação de destaque na paisagem

Figura 04 – Elemento configurativo da unidade sítio



Fonte: autoria própria.

- **Uso social** - A horta recebe pessoas que estão em processo de tratamento de reabilitação de dependências químicas, lá elas têm a oportunidade de realizar trabalho terapêutico junto a natureza, além de receberem parte da produção
-

Figura 05 – Valor social da unidade sítio



Fonte: autoria própria.

- **Produtivo** - A horta do sítio proporciona, com sua produção, ganho econômico para a comunidade envolvida com ela. Além disso, a área do sítio possui várias árvores frutíferas, que são usadas para alimentação, e medicinais que são usadas na elaboração de banhos, remédios e rituais.

Figura 06 – Valor produtivo da unidade sítio



Fonte: autoria própria.

4.3 Dinâmicas da unidade sítio

A partir da identificação das dinâmicas da paisagem foi possível identificar problemas e desafios para a manutenção e/ou melhora da qualidade paisagística e então sugerir estratégias para a futura gestão da paisagem.

Figura 07 – Dinâmica da unidade sítio



Fonte: autoria própria.

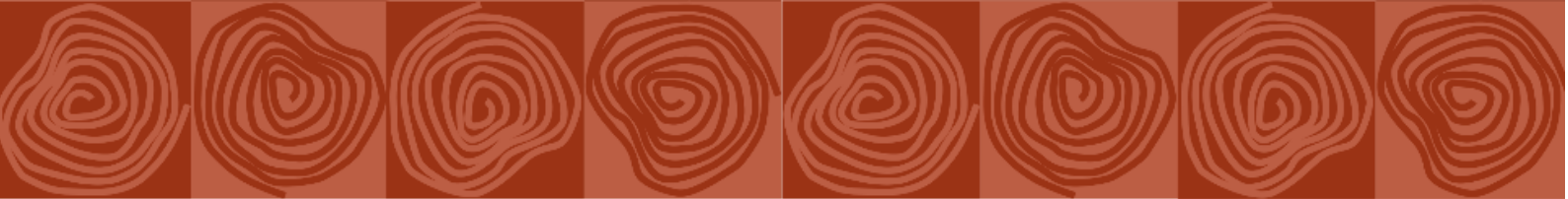
Figura 08 – Dinâmica da unidade sítio



Fonte: autoria própria.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ponto de partida deste trabalho foi a elaboração de um catálogo de paisagem para um terreiro de candomblé. Em outras palavras, buscou-se aplicar uma metodologia voltada à análise qualitativa do ambiente e de suas potencialidades, procedimento geralmente empregado em escalas amplas, como bairros, cidades, regiões ou até países. Para transportá-la a um contexto local, em microescala, foi necessária sua adaptação. A aplicação dessa metodologia demonstrou-se eficaz para revelar os valores atribuídos à paisagem pelas pessoas que convivem com ela, o que despertou o interesse em,



futuramente, desenvolver um projeto de planejamento que contribua para o fortalecimento desse território.

A etapa central desse artigo consistiu na explicação, ao leitor, do método construído e aplicado na criação do catálogo da paisagem do Ilê Axé Ewá Omin Nirê. Além do desafio metodológico já mencionado, este momento foi especialmente significativo porque seu resultado não se limita ao campo acadêmico: ele tem utilidade direta para a própria comunidade. O catálogo produzido ao final do processo mostrou-se um instrumento consistente de gestão da paisagem, permitindo identificar os valores atribuídos ao território e as principais dinâmicas decorrentes da interação das pessoas com o espaço. A partir dessas informações, foi possível sugerir objetivos e estratégias de manejo que visem aprimorar a qualidade paisagística do Ilê.

Com o intuito de ampliar o alcance do conhecimento produzido, há o interesse de organizá-lo em um caderno de apresentação do Ilê, que será utilizado no planejamento de atividades futuras, como a recepção de grupos de pesquisa e extensão. Considerando a possibilidade de realização de visitas guiadas ao território, esse material servirá como suporte para apresentar e contextualizar a pesquisa.

Assim, todo o percurso de construção desta fase do estudo proporcionou um contato aprofundado com diversas questões teóricas, práticas e metodológicas. Entre elas, a mais significativa foi a reflexão que emergiu ao realizar o movimento inverso: retornar à escala mais ampla, do bairro, da cidade, e compreender o papel da paisagem ancestral do terreiro no conjunto urbano de Salvador.

Vivemos um momento em que os desafios impostos pelas mudanças climáticas exigem respostas urgentes. Muito se debate, na universidade, no poder público e na sociedade como um todo, sobre ações, projetos e intervenções capazes de enfrentar tais transformações. Embora o planeta funcione como um sistema integrado de biomas, cada país, cidade e comunidade possui especificidades próprias e, por isso, as soluções devem ser pensadas a partir das necessidades locais.

Em Salvador, assim como em diversas regiões da Bahia, os terreiros de candomblé são numerosos. Os resultados desta pesquisa reforçam a ideia de que esses espaços desempenham um papel estratégico na mitigação e no enfrentamento dos impactos das mudanças climáticas. Os terreiros oferecem proteção às áreas de mata que os envolvem e sustentam uma cosmovisão de que nas paisagens ancestrais de matriz afrobrasileira não existe uma separação rígida entre ambiente construído e ambiente natural. A prática cotidiana do candomblé é ecológica porque se fundamenta no cuidado: o cuidado entre as pessoas, com as casas de santo, com os assentamentos e, sobretudo, com o espaço coletivo. Por isso, esses territórios surgem como potenciais refúgios climáticos e como referências valiosas para modos de habitar mais acolhedores, sustentáveis e integrados à natureza.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Mãe Diana de Oxum, yalorixá do Ilê Axé Ewá Omin Nirê pela confiança e entendimento da importância de incluir a cultura do povo de terreiro dentro do espaço da universidade.

REFERÊNCIAS

- COSGROVE, Denis. **Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria.** *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 5-29, 1998. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6313>. Acesso em 19 out. 2025
- IFLA AMÉRICAS. **Carta da Paisagem das Américas.** Cidade do México, 28 de setembro de 2018. Disponível em: <https://www.abap.org.br/abap/wp-content/uploads/2021/09/CARTA-DA-PAISAGEM-DAS-AMERICAS.pdf>. Acesso em 11 fev. 2025.
- NOGUÉ i Font, Joan; SALA I MARTÍ, Pere; GRAU OLIVEIRA, Jordi; Observatorio del Paisaje (Cataluña). **Los catálogos de paisaje de Cataluña: Metodología.** Barcelona: ATLL, 2018. Disponível em: https://content.catpaisatge.net/uploads/Documents_3_ESP_0fd6a002c3.pdf?updated_at=2023-04-10T19:14:47.296Z. Acesso em: 20 out. 2024.
- ROSENDAHL, Zeny. **Uma procissão na geografia** (online). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/wy7ft/epub/rosendahl-9788575115015.epub>. Acesso em: 20 out. 2024.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo: DIFEL, 1983. Disponível em: <https://fundacc.sp.gov.br/wp-content/uploads/2021/04/Espaco-e-lugar-a-perspectiva-da-experiencia-YI-FU-TUAN.pdf>. Acesso em: 21 out 2024.